

— Prefiro o corte esmeralda.

Corto o meu bife, com o garfo e a faca.

— Não sei… Este corte Porterhouse está no ponto.

— Estou a falar de diamantes, Rio, não de carne — diz a Chelsea, num tom carregado de impaciência.

É óbvio que está a falar de diamantes, mas eu estou a tentar ao máximo passar por parvo, porque o melhor estilo de anel é a última coisa sobre a qual quero falar num segundo encontro. Gostava de saber se é boa pessoa. Se se dá bem com a mãe. Se gosta de viajar. Porra, nem sequer sei se tem alergias.

— Sou intolerante à lactose.

A expressão dela torna-se confusa com a mudança súbita de assunto.

— O quê?

— Laticínios. — Como mais um pedaço de bife. — Dão cabo de mim. Às vezes, tomo uns comprimido antes; outras vezes, avanço mesmo à bruta e depois aguento as consequências.

— Disseste mesmo «avanço mesmo à bruta» a falar de ingerir laticínios?

— Sim. Se houver gelado e eu não tiver um comprimido para tomar antes, *não* vou deixar de o comer, percebes? E tu, és daquelas sortudas que têm um estômago de ferro?

— Eu estava a perguntar-te que tipo de anéis usam as mulheres dos jogadores. — Ela desvia a conversa de volta para o assunto que eu não quero. — Alguma delas tem de trabalhar? Suponho que não.

— Algumas trabalham, sim. Uma das minhas melhores amigas é casada com um colega meu e trabalha numa associação que dá abrigo a cães séniores.

Ela franze o nariz antes de forçar um sorriso.

— Isso é… giro, suponho.

— E tu? O que fazes?

Por um instante, preocupo-me com a possibilidade de ela já me ter dito e eu não me lembrar. Fomos jantar fora pouco antes de eu ir de férias no verão, mas já foi há tanto tempo que não me lembro de nada de negativo desse encontro. Por isso, quando ela me perguntou se queria sair de novo, pensei que talvez não fosse má ideia tentar outra vez.

Bem, a verdade é que nem sequer me perguntou. A mensagem dizia: *Quando é que me levas a jantar outra vez? Estou livre na sexta.* Mas vai dar ao mesmo, acho eu.

— Crio conteúdos — responde ela, sem hesitar. — Coisas de *influencer*. Moda e *lifestyle*.

— Fixe. Então trabalhas por conta própria. Gostas?

Ela encolhe os ombros, termina o copo de *chardonnay* e acena com a mão no ar ao empregado para pedir mais um. Tem uma sobrancelha levantada e aquele ar de quem está à espera que a sirvam.

Não gosto disso, penso.

Tento justificar. *Talvez não tenha noção de que é rude*.

— Gosto das vantagens — continua. — Posso gerir o meu próprio horário. Enviam-me produtos. Essas coisas.

Quase espero que me pergunte o que faço, mas ela já o sabia antes do nosso primeiro encontro.

— Tens animais?

— Não. Dão muito trabalho.

— Dás-te bem com a tua família?

— Nem por isso.

Dás-te bem com a tua, Rio? Sim, dou. Acabei de voltar de três meses em Boston, onde passei o tempo todo com a minha mãe, durante a pré-época. Obrigado por perguntares.

O empregado pousa o copo de vinho, leva os pratos vazios e eu fico um pouco mais perto de dar esta noite por terminada.

Repreendo-me por sentir isso.

Por sentir *sempre* isso.

Nem me lembro da última vez que fui a um segundo encontro, por isso devia focar-me nesta pequena vitória. Mas é o que acontece sempre. Quero muito conhecer alguém, diria mesmo que de forma um pouco desesperada. Encontramo-nos a primeira vez e eu não sinto aquela faísca, e pronto, morre logo ali.

Esforça-te mais.

— O que gostas de fazer nos tempos livres?

— Estou quase sempre com os meus amigos. Convidam-me para imensos eventos e isso ocupa-me bastante. Gosto de treinar. Gosto de experimentar restaurantes novos…

— Adoro experimentar restaurantes novos! — Endireito-me, entusiasmado por termos finalmente um interesse em comum.

A Chelsea olha para mim, nada impressionada com o meu entusiasmo.

— Fixe.

Foda-se.

— E música? Gostas?

— Quem é que não gosta?

— Devíamos escolher uma música. — Pego no telemóvel e começo a procurar nas minhas músicas preferidas.

— Escolher uma música?

— Sim. Como este é o nosso segundo encontro, devíamos escolher uma música para nos lembrarmos. Assim, quando a ouvirmos lembramo-nos disto. — A minha frase morre quando vejo a sua expressão.

Ela arregala os olhos como se eu fosse de outro planeta. Abre a boca, mas arrepende-se de imediato. Nem precisa de falar. Eu já percebi.

Porque ela não é *ela*. Nenhuma o é.

— Ou então não — decido.

Ela força outro sorriso.

— É melhor não.

Olha à nossa volta no restaurante, provavelmente à procura da saída. E não a censuro.

— Queres pedir uma sobremesa? — pergunto.

Ela hesita, até que me surpreende. Inclina-se sobre a mesa e pousa a mão por cima da minha.

— Na verdade — o seu tom de voz torna-se mais suave —, estava a pensar que podíamos comer a sobremesa em tua casa.

Oh.

Não era… disto que eu estava à espera.

— Cheguei hoje de Boston, estive lá o verão todo. Infelizmente, não tenho nada em casa.

Ela sorri, com um ar sedutor.

— Não era bem desse tipo de sobremesa que eu estava a falar.

Pois, é mais do que óbvio que não era desse tipo de sobremesa que estava a falar, mas eu ainda tinha esperança num «Este tipo não percebe nada nem tem jogo nenhum, esquece lá isso».

Mas esta é mais uma daquelas situações em que não interessa o que eu digo nem mesmo se fico calado. Em última análise, sou um jogador profissional de hóquei, e só isso já me assegura mais primeiros encontros e convites para pernoitar do que quero admitir.

Mas eu sei o que procuro. E esta ligação não é isso.

— Chelsea, eu…

— Vai ser divertido.

Solto uma pequena risada.

— Chelsea.

— Vais mesmo dizer que não? — Ela dá-me um sorriso malicioso. — Rio.

Ela diz «Rio» com aquele tom que quer dizer «estás completamente maluco se me rejeitares». E já ouvi esse tom mais vezes do que gostaria.

É impossível negar que ela é magnífica. E se eu fosse o género de homem que leva alguém para casa mesmo sabendo que não vai dar em nada, talvez o fizesse.

Mas não sou.

Pago a conta discretamente assim que a colocam na mesa e digo:

— Obrigado por teres vindo jantar comigo.

É aí que ela percebe que estou mesmo a pôr fim à nossa noite. Revira ligeiramente os olhos, mas eu não vacilo. Quando tira o telemóvel da carteira, começa logo a escrever no ecrã, sem me dizer mais nada.

— Vamos andando?

— Não é preciso. Vou ter com uns amigos a uma festa aqui ao lado.

— Ah, *okay*. Como fui eu que te fui buscar, achei que o mínimo a fazer era…

O sorriso dela transforma-se numa espécie de expressão de pena, enquanto se levanta e veste o casaco com calma.

— Já tinha um plano B. Mas tem uma boa noite sozinho, Rio. Obrigada pelo jantar.

Ela acena com os dedos, sem pressa nem emoção, e sai pela porta que já andava a sondar há alguns minutos.

Talvez devesse sentir-me chocado. Ou ofendido. No entanto, esta não é a primeira vez que fico sozinho à mesa depois de recusar levar alguém para minha casa. Nem vai ser a última.

Mas que se lixe. Este copo de vinho tinto que estou a beber desde o início da noite é ótimo e não tenho vergonha suficiente para o desperdiçar. Por isso, encosto-me na cadeira, sozinho à mesa, e desfruto do vinho, enquanto pego no telemóvel. Está cheio de mensagens.

Zanders: *Rio, já voltaste?*

Indy: *Diz que sim, por favor! Tenho tantas saudades tuas!*

Stevie: *A Taylor perguntou por ti todos os jantares de domingo, este verão. Foi muito triste. Nunca devias ter ido embora.*

Kai: *Bem-vindo de volta, meu!*

Miller: *As noites de raparigas não foram as mesmas sem ti!*

Kennedy: *Este vai ser o primeiro jantar de domingo com toda a gente desde maio? Mal posso esperar.*

Isaiah: *Mas o Rio já voltou? Não responde.*

Zanders: *É bom que tenha voltado. Temos o primeiro treino da época já amanhã.*

Eu: *Não respondo até toda a gente perguntar se estou bem. Ainda falta uma pessoa...*

Zanders: *Emoji de riso*.

Kai: *Há coisas que nunca mudam.*

Indy: *Amor, é a tua deixa.*

Ryan: *Não vou entrar nisso.*

Miller: *Ele podia estar ferido, perdido ou sem comida, e nunca saberíamos porque tu não queres fazer uma simples pergunta, Ryan.*

Isaiah: *Não sabia que tínhamos adotado um cachorrinho.*

Stevie: *Ele é o* nosso *cachorrinho.*

Kennedy: *O nosso doce cachorrinho que só quer saber se o Ryan se preocupa com ele.*

Eu: …

Ryan: *Pronto. Rio, já voltaste ou não?*

Eu: *A tua preocupação com o meu bem-estar não tem limites. Querido, estou de volta!*

Ryan: *Odeio isto.*

Eu: *Eu sei. A distância também me custou, Ryan.*

Ryan: *Vou sair deste grupo.*

E sai mesmo. Durante um segundo, antes de a mulher o voltar a adicionar.

Indy: *Vemo-nos cá em casa no domingo!*

Fico com um aperto no estômago por não ter ido logo para casa de um deles assim que cheguei. Fui a casa apenas para pousar as malas antes de ir buscar a Chelsea para o nosso encontro.

Uma parte de mim acha que devia desistir. Procuro sem parar há anos, desde que me mudei para Chicago, e começo a achar que o verdadeiro amor já não existe.

Mas depois lembro-me de que vi oito dos meus amigos encontrá-lo, ao longo dos anos. Por isso, sei, bem no fundo, que ele ainda anda por aí.

Acabo o copo de vinho e envio uma mensagem privada à Indy.

Eu: *Passo por aí a caminho de casa.*

Indy: *Sim, por favor! Tinha tantas saudades tuas. Não desapareças tanto tempo outra vez.*



— Posso deduzir que o encontro correu mal, certo? — pergunta a Indy, enquanto nos sentamos no sofá da sala.

O Ryan regressa da zona dos quartos, depois de ir espreitar as crianças adormecidas, e junta-se à conversa para ouvir o meu relato.

— Há algum que corra bem? — respondo.

— Onde é que a levaste?

— Ao Sullivan's, na Oitava.

O Ryan fica mais tenso no seu lugar, e a Indy faz um sorriso maroto.

— Oh! Adoro esse sítio. Fui lá uma vez para um encon…

— Cuidado, Blue — rosna ele, puxando-a para o seu colo.

Sorriem um para o outro, como quem partilha um segredo, e talvez eu achasse tudo isto meio enjoativo se não fosse exatamente o que mais desejo.

Mas a verdade é que não há qualquer segredo. Todos sabemos que, antes de estarem juntos, o Ryan foi buscar a Indy a meio de um encontro amoroso no mesmo restaurante onde estive hoje.

A Indy era assistente de bordo da nossa equipa há já alguns anos, e é a minha melhor amiga desde então. Conheceu o Ryan quando a irmã dele lhe ofereceu um quarto para ficar, e o resto é história. O Ryan é capitão da equipa de basquetebol de Chicago, e embora eu tenha sido apenas um fã dele durante vários anos, acabámos por nos tornar bons amigos.

— O que é que correu mal? — pergunta a Indy.

— Ela… — hesito. — Não quis. Não se interessou. Sabes como é que eu sou. Ou fico logo apenas amigo delas ou assusto-as.

Não é totalmente mentira. Ela não se interessou por aquilo que eu procuro.

Mas não conto aos meus amigos quantas vezes acontece eu *não* assustá-las. Nem quantas vezes tento ficar apenas amigo delas e, mesmo assim, não resulta. Deixo-os pensar que sou um caso perdido, sem nenhum jeito para jogos de sedução, porque isso é mais fácil do que explicar que tenho 27 anos e nunca me envolvi com ninguém por não sentir uma ligação real.

Sou uma pessoa que precisa de tempo. Sempre fui. Foda-se, perdi a virgindade aos dezanove anos e, mesmo assim, foi com uma rapariga que conhecia desde os doze.

— Lamento, mano — diz o Ryan. — Vai acontecer.

— Sim, talvez. — Levanto-me e espreguiço-me. — Bem, vou andando. Só quis passar para dizer olá. Gosto muito de vocês.

— Gosto muito de ti, Rio.

— Ouviste, Ryan? — grito, já na porta. — Viste a facilidade com que ela disse isto?

Ele abana a cabeça.

— Nunca vai acontecer.

— Nunca digas nunca, Shay!

É tarde quando estaciono na entrada, mas os novos focos do jardim da minha vizinha iluminam a casa ao lado o suficiente para eu perceber que já não é a mesma casa de há três meses.

— A tua casa teve sempre um ar assim tão melhor do que a minha? — pergunto, ao sair do carro.

A Wren ri-se junto à caixa do correio e olha para a fachada, por cima do ombro.

— Não. Fiz obras o verão todo. Mas para uma pobre estudante de mestrado, não está nada mal. Tenho claramente uma casa mais gira do que o jogador profissional de hóquei que vive ao lado, não achas?

Encontramo-nos a meio do passeio, entre as duas casas, e eu inclino-me para lhe dar um abraço.

— O teu verão foi bom?

— O melhor possível, tendo em conta que é o último, antes de terminar o curso. Ou seja, passei-o em salas de aula, nunca vi o Sol e estudei todos os fins de semana em pleno pó da obra. E o teu?

— Foi bom. Soube-me bem passar tempo com a família. E também foi bom estar uns meses em Boston.

Ela faz um ar conhecedor.

— E estás a odiar muito a ideia de perder outro outono em Boston?

— Nem quero falar disso.

Ela aponta para a minha casa.

— Deixei o teu correio em cima da bancada da cozinha. Abri as janelas de vez em quando, para o ar não morrer lá dentro. E a tua única planta está de boa saúde. Portanto, de nada.

— É uma suculenta, Wren. Só tinhas de a ignorar.

Ela acena, satisfeita.

— Fiz isso na perfeição.

A Wren é minha vizinha há vários anos. E só tenho a agradecer ao irmão dela, que lhe arranjou um sítio na cidade enquanto ela estuda na universidade, por nos termos tornado bons amigos.

«Bons amigos» no sentido de fazermos comentários sobre os outros vizinhos com uma cerveja na mão, de vez em quando, ou emprestarmos açúcar um ao outro, ou ainda, como neste caso, tomarmos conta da casa um do outro quando um de nós está fora.

Os irmãos dela também são atletas profissionais, por isso ela nunca ligou muito ao facto de eu ou os meus colegas andarmos por ali, e eu sempre gostei disso nela.

Somos os únicos que vivem sozinhos na rua toda. As outras casas estão todas cheias de famílias. O que faz sentido, já que são enormes: têm todas quatro ou cinco quartos. Há uma universidade aqui perto, por isso algumas pessoas arrendam quartos a estudantes de mestrado ou doutoramento, mas eles estão sempre tão embrenhados nos estudos que nem os vejo.

O irmão mais velho da Wren que comprou a casa ao lado da minha, o Cruz Wilder, é uma estrela do basquetebol. A ideia sempre foi remodelarem a casa para a venderem mais tarde, bastante mais cara. Ele diz que é um investimento, mas eu conheço o Cruz. Ele só não queria que a irmã andasse ansiosa a tentar arranjar um lugar para viver.

Gosto de pensar que eu também fiz um investimento quando comprei esta casa nova, aos 21 anos, e não porque fui apenas um idiota. No meu ano de *rookie*, nenhum dos jogadores da equipa vivia fora da cidade. Tinham todos apartamentos. Alguns, com salários mais baixos, partilhavam casa. Mas todos viviam a poucos minutos do pavilhão.

E eu, parvo, achei boa ideia comprar uma casa com quatro quartos, a vinte minutos da cidade. Como se achasse que ia ter uma família só minha. E aqui estou eu, agora com 27 anos, ainda solteiro.

Enfim, pelo menos tenho espaço, um bom jardim com um jacúzi, e a verdade é que a minha casa acabou por ser o ponto de encontro da equipa porque cabemos todos cá dentro.

E quem sabe? Pode ser que este *investimento* ainda valha a pena para o ano.

Aponto de novo para a casa da Wren.

— Então, renovaste a tua casa? Tipo, pintaste as paredes?

— Mais ou menos. Queres ver? — Olha para as horas no telemóvel. — Tenho cinco minutos de pausa antes de voltar ao estudo.

— Uma visita rápida. — Vou atrás dela. — Na próxima pausa, o jantar é por minha conta. Mando vir daquele grego que gostas, e contas-me todas as fofocas da vizinhança que eu perdi.

Ela lança-me um olhar por cima do ombro, com uma sobrancelha levantada.

— E também nas duas seguintes? — tento outra vez.

— Estive três meses a tomar conta da tua casa. E és podre de rico.

— Está bem. Três noites de comida *takeaway*. E levo o teu lixo todas as semanas durante o próximo mês.

— É por isto que és o meu vizinho preferido.

Entre nós sempre foi assim: vizinhos, e apenas amigos.

A Wren é incrível, mas nunca a vi como mais do que uma amiga. E sei que ela sente o mesmo. Tenho muitas amigas. Ela é uma delas.

Ela abre a porta da frente, acabada de pintar. O tom é de um castanho profundo que contrasta na perfeição com o novo revestimento verde-sálvia e os acabamentos brancos, impecáveis.

A primeira coisa na qual reparo ao entrar é o chão. Tem madeira nova, num tom claro e quente. As paredes têm apontamentos. Algumas revestidas com um papel moderno, outras pintadas em cores suaves e acolhedoras. O corrimão das escadas foi trocado, os armários da cozinha têm uma nova pintura, e as bancadas são de um material que parece ter sido escolhido à medida. Até os candeeiros são novos e encaixam na perfeição em todo o espaço.

— Fogo — suspiro, enquanto rodo devagar sobre mim mesmo, a absorver tudo. — Quase não reconheço a casa.

— Ela fez um trabalho incrível.

— Quem é «ela»?

Normalmente, quando faço esta pergunta aos meus amigos, vem carregada de subentendidos do género: *É solteira? É simpática? Achas que pode interessar-se por alguém como eu?*

No entanto, neste caso, estou mesmo só a tentar perceber quem transformou esta casa banal numa que parece saída da porra de uma revista. E se posso contratá-la para fazer o mesmo à minha.

Está a anos-luz da versão original que o irmão da Wren comprou. E se pusermos, os dois, as casas à venda ao mesmo tempo, no próximo

verão, eu estou tramado. Ninguém vai olhar duas vezes para a minha quando há esta ao lado.

A Wren mostra-me o piso de cima. O *loft* está preparado para servir de sala de jogos ou de futura sala de brincar, dependendo do comprador. Os quartos, todos com *designs* diferentes, mantêm o ar luxuoso e personalizado que o resto da casa tem.

Mas, quando descemos o corredor, paro para ver melhor uma cama num dos quartos vagos. Os quartos de cima sempre estiveram vazios, ao contrário do quarto de visitas, em baixo, onde os irmãos dela dormem quando estão por cá.

Aponto para o colchão ainda sem roupa de cama.

— Vais ter uma colega de casa, Wilder?

— Vou. Quando o contrato dela acabar, em outubro.

Fico surpreendido. Durante vários anos, fomos só nós os dois a viver nestas casas absurdamente grandes. Mas por razões completamente diferentes. A Wren sempre estudou demasiado e nunca quis partilhar casa, e o irmão dela tinha dinheiro suficiente para lhe dar essa oportunidade.

Eu, por outro lado, sou o idiota que ficou à espera de alguém que nunca chegou.

— Porquê? — é a única pergunta que me ocorre.

— Porque ela precisava de um sítio acessível e entendemo-nos bem. É a *designer* principal da renovação. Esteve aqui todos os dias durante o verão e ficámos amigas. Além disso, ela está sempre a trabalhar, só vem cá dormir. — Faz sinal com a cabeça, a chamar-me para continuar a visita. — Anda, falta-te ver o resto.

As casas de banho foram todas renovadas com azulejos novos e loiças modernas. No corredor, cada fotografia tem uma luz por cima, como se fosse uma peça de galeria. Até a lavandaria tem um ar moderno, escuro e com estilo.

— Bem, estou tramado — constato. — A minha casa nunca se vai vender, se tiver de competir com isto.

— O Cruz não estava a brincar quando disse que queria um bom retorno do investimento. — Dá-me uma pequena palmada no ombro. — E tu podias fazer o mesmo, sabias? Contratar um *designer*. Renovar essa tua república de hóquei, se estiveres mesmo a pensar em vender.

Estou mesmo a pensar nisso? Ainda não sei. Mas não assinei a renovação antecipada do contrato com os Raptors na época passada por uma razão. Não tinha a certeza se queria comprometer-me com mais seis anos longe de Boston. Longe da minha terra. Longe da minha família.

Este será provavelmente o último grande contrato da minha carreira, e estou mesmo numa fase da vida em que tenho de decidir. Ou passo o resto dos meus anos de hóquei em Chicago ou arrisco o mercado livre e tento realizar o meu sonho de criança de jogar pelos Bobcats de Boston.

A minha mãe quer que eu volte, isso é certo. Por ela, eu vendia a casa e mudava-me logo no mesmo dia em que a época e o contrato acabassem.

A única pessoa que sabe que penso em vendê-la é a Wren, porque vai fazer o mesmo assim que se formar na primavera. Vai voltar para casa, para junto da família.

— E como é que a descobriste? A *designer*, quero dizer.

— Já ouviste falar do Tyler Braden? É um *designer* de interiores muito famoso. Vive aqui em Chicago.

Lanço-lhe um olhar incrédulo.

— O quê? Ele tem uma linha na Target e um programa na HGTV. Como tens mãe e umas mil amigas, achei que podias conhecer.

— Contrataste-o? O Cruz meteu assim tanto dinheiro nisto?

— Eu queria. Sou obcecada pelo Tyler Braden e teria sido um sonho, mas o orçamento que o meu irmão me deu *não* chegava para tanto. Ainda assim, deu para contratar uma das estagiárias dele e a verdade é que ela é incrível no que faz. Agora somos amigas e vou tentar suborná-la para me levar à festa de Natal do estúdio Tyler Braden Interiors este ano. Ganho a dobrar.

Solto uma gargalhada.

— E como é que *eu* faço para a contratar?

— Eu mando-te o contacto da empresa. — Ela pega no telemóvel para me enviar uma mensagem. — Merda. A pausa acabou.

— Bem, foi bom ver-te, Wren. Obrigado por tomares conta da minha casa durante o verão.

— Claro que sim. Então, e vais mesmo fazer isso? Contratar a mesma *designer*?

— Talvez.

Há duas hipóteses: ou ponho a casa à venda no próximo verão, ou fico mesmo por cá. Seja como for, a casa ainda não está pronta para ser vendida. E se, por acaso, eu conhecer alguém mais a sério, também não é esta a casa para onde quero trazê-la.

— Ah, espera! — A Wren dá-me uma palmada no braço. — Como é que correu o encontro?

Pois, e ainda há isso. O lembrete de que estou em Chicago há seis anos, e que talvez a minha alma gémea não esteja aqui.